

PELA VIA DO MANHÊS: DECIFRAR A LÍNGUA, CONSTITUIR-SE SUJEITO

Edigleisson Alcântara (UFPE)
edigleisson@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

“A língua é o fundamento da construção de tudo”.
– Neil Gaiman¹

Desde o advento da Psicanálise, admite-se que o sujeito não existe fora da linguagem e que é neste processo de aquisição que se dá a sua constituição. Sabe-se que essa trajetória linguístico-constitutiva se inicia num período extremamente precoce da vida, isto é, a partir do primeiro laço estabelecido entre os pais e o bebê, mediado por um tipo especial de fala: o manhês.

Esse intrincado processo conserva uma gênese mais lógica do que cronológica, referendada à história do sujeito; história que o antecede e o ultrapassa e que se materializa nas práticas discursivas pelas quais ele circula. Entretanto, esta ideia de uma constituição linguageira não surgiu na Psicanálise, mas é, sobretudo, tributo da Linguística (LONGO, 2006), que sempre se ocupou de compreender as relações que o humano estabelece com a língua e a linguagem.

A linguagem humana, para Saussure (2013), consiste numa faculdade exercida pelo conjunto de signos que envolve os diferentes níveis do sistema linguístico, bem como a dimensão simbólica. Com a linguagem, o homem se tornou capaz de nomear o real, torná-lo objeto de interesse e investigações; significar seu corpo; dar inúmeros encaminhamentos à esfera afetiva; compartilhar suas experiências com os outros e pensar sobre elas; e, assim, modificar-se no jogo dialético da identidade-diferença (ORLANDI, 2013; SAES, 2013).

Quanto à capacidade humana de criar a linguagem – e ser por ela criada –, realiza-se delimitada por uma comunidade linguística específica, fixando um código a ser incorporado por todos os seus membros, isto é, a língua (HOLANDA-FERREIRA, 2001; LONGO, 2006).

Onde o sujeito e o seu dizer lançam questões, deve-se então supor que Psicanálise e Linguística, em especial, se debruçarão sobre estas instâncias com grande interesse. Afirmar isso, no entanto, não significa que, via de regra, uma é solidária a outra. Há diferenças e incompatibilidades irreduzíveis. E elas próprias, sem muitas vezes tomarem conhecimento do que cada uma produz, apreciam tais instâncias com graus de importância bastante distintos. Porém, há um tipo de ponto de partida comum para a Psicanálise e adotado por nomes de envergadura na Linguística – por exemplo, Lemos (2000; 2002), Pereira-de-Castro (1998), Teixeira (2000) –, com relação aos efeitos significantes sobre o discurso que constitui o sujeito.

De acordo com Santos (2013), foi Pêcheux quem, de posse de um arcabouço psicanalítico, primeiramente deu o passo que pôs em xeque o conceito de sujeito no campo da Linguística, em virtude de sua insatisfação com a ideia vigente a sua época, ou seja, a de sujeito do *cogito* cartesiano. Sendo sabido que foi ele quem incorporou, de maneira corajosa e revolucionária, a psicanálise ao âmbito da teoria do discurso, operando uma “reterritorialização dos conceitos” (HENRY, 1997), é, portanto, no quadro epistemológico legado por Pêcheux – a então chamada Análise do Discurso *de linha francesa* – que este trabalho se apoiará.

Haja vista o que foi dito, tem-se que esta aproximação entre Psicanálise e Linguística, pela via da Análise do Discurso, nunca foi pacífica, pois se trata de saberes que se organizam em zonas de interface: a Psicanálise, dividida entre o saber da consciência e o saber do inconsciente; a Análise do Discurso, na fronteira entre o sentido e o sem sentido do dizer.

¹GAIMAN, Neil. *O oceano no fim do caminho*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. 208 p.

No interior de cada disciplina o eterno confronto entre essas duas dimensões – antagônicas, até certo ponto – evidencia uma terceira: a do estranhamento. Tal estranhamento está implicado no traço paradoxal que constitui o sujeito e o discurso: a falta. Falta, por sua vez, que, sendo tomada enquanto propriedade ontológica, assume a característica de força motriz, de elemento propulsor da condição humana, qual seja, a condição de inacabamento do ser no dizer e do dizer no ser – qualidade orientada pela ilusão de estabilidade contida no porvir.

Sendo assim, a experiência do sujeito do inconsciente e do sujeito do discurso parece ser atravessada, de ponta a ponta, por uma espécie de transbordamento, cuja natureza remete a algo excedente, mas que também aponta para uma remota lembrança da ausência. Daí o porquê do paradoxo, afinal, a falta só é percebida na medida em que aquilo que a ocupava não está mais ali.

Tendo em vista esse paradoxo, é lícito supor que o sentimento de estranhamento seja fundado numa contradição, pois o sujeito experimenta, de uma vez só, o inusitado e o familiar nos deslizos em que, ao contrário do que possa parecer, comparece em sua plenitude, para, em seguida, esvanecer.

Pela ótica da psicanálise, estas três categorias – o estranho, o familiar e a falta – emergem e se entrelaçam nos tempos primordiais da constituição do sujeito, cuja montagem reflete leis sociais implícitas já nas primeiras “trocas” linguísticas entre o bebê e o adulto cuidador. Para a Análise do Discurso este ponto é precioso, pois permite entender que o ingresso do novo ser humano à cultura se dá pela via de uma interpelação ideológica, subjacente a sua adesão ao discurso, através do engajamento nas práticas linguísticas.

Diante do exposto, são aqui lançadas duas hipóteses. Uma delas diz respeito à aquisição da linguagem pelo bebê, que se daria no seguinte desdobramento:

1) antes de vir ao mundo, a língua materna penetraria o habitual sentimento de totalidade do bebê em sua relação com o corpo da mãe, misturando-se aos fluidos biológicos e irrigando o seu organismo, também, com musicalidade;

2) ao nascer, sendo desestabilizado pela estranheza que a língua materna agora lhe causa, um constrangimento seria infligido ao estado ideal do bebê, obrigando-o a reconhecer que ele não seria absoluto;

3) buscando restituir sua homeostase (imaginária) primordial, o bebê se aventuraria numa operação de apropriação do componente da língua materna que lhe provocaria o estranhamento – ou seja, a falta –, tentando tornar esta língua familiar; isto a partir das pistas afetivas veiculadas pela prosódia do manhês, numa ação executada com tamanho afínco que ele se esqueceria do aspecto alheio da língua ao passo que a fosse incorporando a sua vida, resultando na crença de que sempre fora seu usuário.

A segunda hipótese é a de que este ciclo inaugural seria prototípico para a subjetividade, sendo evocado, inconscientemente, em toda situação na qual, mesmo adulto, o humano experimentasse falar.

Sinteticamente, pode-se enunciar essa grade hipotética da seguinte maneira: a princípio, a língua materna seria familiar para o bebê; depois, a percepção da incompletude que o estranhamento provocado pela fala do adulto viesse a revelar, deflagraria a falta; então, o bebê se poria a decodificar a língua materna a partir do manhês, a ponto de esquecer esse propósito e naturalizar-se como falante desta língua; por fim, o modo de o sujeito se posicionar no discurso estaria sempre atravessado por uma memória discursiva cuja carga afetiva se reatualizaria desde a infância.

Tentando dar conta dessas questões, o esforço aqui empregado seguirá na direção de examinar, conceitualmente, como se processaria a tradução do bebê frente ao estranhamento e à familiaridade da língua materna, ao longo de seu engajamento nas práticas discursivas. Para tanto, o método assumido compreendeu a análise documental, através do levantamento de pesquisas em bases de dados e afins.

Se, do ponto de vista da Análise do Discurso, o presente trabalho estará pautado no quadro epistemológico pêcheuxiano, por outro lado, a vertente psicanalítica a qual se recorrerá vem de Freud e Lacan, no que concerne à ideia por eles sustentada de sujeito dividido pela ação da linguagem. Essa escolha não é leviana quando se tem em mente que Pêcheux se baseou nestes dois para construir um dos eixos da “tríplice aliança” – linguística, materialismo histórico e, no caso, psicanálise –, que daria suporte a sua teoria (LEANDRO-FERREIRA, 2005).

Para pensar a mediação da linguagem num momento tão precoce da vida do humano, tendo em vista que nenhum dos três – Freud, Lacan, Pêcheux – se ocupou desse período, serão evocados Winnicott e Dolto. Seus trabalhos são relevantes na medida em que se dedicam, de forma tão exaustiva quanto brilhante, aos primórdios da subjetividade, estabelecida a partir do enlace afetivo entre o adulto e o bebê.

Mas eis que se instalaria um dilema: como fazê-los dialogar? Cada um desses pensadores criou um sistema teórico diversificado, complexo e, por vezes, contraditório. Ora, ao mesmo tempo, cada um de seus legados é reconhecido por uma *marca*. Seguindo estas pistas, foram extraídos os conceitos de *estrangeiro*, de Freud; de *pulsão invocante*, de Lacan; de *imagem inconsciente do corpo*, de Dolto; e de *transicionalidade*, de Winnicott. Parte-se do pressuposto de que estes conceitos não são apenas centrais, mas são também capazes de abarcar as obras de seus criadores de maneira global, à medida que as atravessam por inteiro e se ramificam em outras noções, ligando-se a formulações as mais diversas, desde aquelas sobre o funcionamento típico até as que tratam de níveis insuperáveis do sofrimento.

2 MÉTODOS

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de busca eletrônica de produções científicas indexadas em bases de dados. Devido à ênfase recair sobre os efeitos constitutivos da aquisição da linguagem para o psiquismo, a busca foi restrita a duas plataformas reconhecidas no meio acadêmico como sendo duas das principais fontes para levantamento de material: uma de caráter generalista, cujo alcance englobava os periódicos da área de Linguística; e outra capaz de dar conta do campo da Psicanálise de modo mais específico. São elas, respectivamente, a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO, www.scielo.br) e a Periódicos Eletrônicos em Psicologia (P@psic, pepsic.bvsalud.org).

Tendo duração de três meses, a coleta dos dados ocorreu no período de setembro a dezembro de 2013. Para otimização dos resultados a investigação procedeu a partir do cruzamento e filtragem de palavras-chave, conforme a Tabela 1, a seguir.

Tabela 1. Cruzamento de palavras-chave e filtros

Palavras-chave	Filtros
Língua materna Língua estrangeira	Tradução/Psicanálise
<i>Mother tongue</i> <i>Foreign language</i>	<i>Translation/Psychoanalysis</i>

O material de análise foi selecionado a partir da leitura prévia dos resumos encontrados, sendo que o critério de exclusão adotado foi a rejeição de estudos em que os termos “língua materna” e “língua estrangeira” não correspondessem à aquisição da linguagem, como, por exemplo, métodos de ensino de línguas, questionários administrativos, testes psicométricos, dentre outros. A seguir, os textos originais foram recuperados na íntegra para constituírem o material de análise, a fim de se proporcionar tratamento adequado aos dados.

Através da leitura integral de cada texto, foram elaboradas as categorias para análise, tomando como base os conteúdos discutidos na literatura, de acordo com o que se segue:

ressonâncias primitivas da língua materna; o manhês e a invocação musical; a transicionalidade e a tradução da língua; a dimensão estrangeira do discurso na constituição do sujeito.

3 RESULTADOS

Foram encontrados 852 artigos referentes à “língua materna” e à “língua estrangeira”. Durante a leitura dos resumos, descartaram-se 793 trabalhos, pois estes não se referiam a estudos sobre aquisição da linguagem, isto é, referiam-se a concepções pedagógicas sobre ensino de língua estrangeira, testes psicométricos relativos a competências numa segunda língua, etc. Foram utilizados para a análise 59 artigos filtrados, cuja distribuição entre as bases de dados pesquisadas é apresentada na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição dos artigos nas bases de dados

Bases de dados	Quantidade de estudos
SciELO	91,09% (55/59)
P@psic	8,09% (4/59)

De acordo com os resultados, a maior parte dos estudos encontrados está disponível na base de dados SciELO, sendo que os demais se encontram na P@psic. A propósito, cabe registrar que foi surpreendente essa defasagem entre uma e outra base de dados. Em especial, pela expectativa (não confirmada) de abundância de material na segunda delas.

4 DISCUSSÃO

4.1 *Acerca do manhês*

Ainda muito cedo o bebê é inscrito pelos pais na qualidade de ser falante (VORCARO, 2001), através do enquadre interpretativo acionado por um tipo especial de fala, o que lhe favorece a assunção de um espaço linguístico-discursivo (LEMOS, 2000, 2002; PEREIRA-DE-CASTRO, 1998) a partir do qual poderá cooperar com a construção do seu próprio drama.

Segundo Ferreira (2001), esta maneira peculiar de se dirigir ao bebê ganhou nome, sendo chamada pelos brasileiros de “manhês” ou “maternalês”, de acordo com a região. A propósito, embora não sendo um mecanismo universal, a autora afirma que o manhês está presente em inúmeras culturas (FERREIRA, 2001, 2005).

Sob o pretexto de contribuir com a aquisição da linguagem, o manhês revela muito mais: atesta o seu valor para a emergência e o desenvolvimento da subjetividade do infante. Isto porque na produção do manhês é mobilizada uma série de recursos, os quais não seriam possíveis sem o componente desejante dos pais e do próprio bebê:

1) os marcadores prosódicos – estes, mais do que as regras de funcionamento da língua, parecem ser o ponto de referência pelo qual o bebê adere à linguagem, por encontrar na musicalidade da fala dirigida pelo adulto a predominância de uma forte carga afetiva, que lhe possibilita meios de ingresso numa via linguageira (SCARPA, 2005, 2007);

2) erogeneidade – devido a dispor de uma face musical, a prosódia materna, ao lado dos cuidados pele a pele, dá suporte a um jogo de sedução que libidinizará o corpo do bebê, delineando seus contornos e ativando grande parte de suas funções (CELES, 2004);

3) temporalidade – o manhês tem um tempo de vida útil, pois se extingue por volta dos nove meses do bebê, sofrendo vários remanejamentos durante esse período; o mais interessante de tudo isso é que a inscrição da temporalidade em seu psiquismo é fruto das modalizações da

fala materna, que aos poucos vai cedendo lugar à fala do bebê (CAVALCANTE, 2001a, 2001b, 2003);

4) regras da cultura – o manhês se estrutura segundo o modelo conversacional padrão, o qual conserva e reflete as marcas da cultura em que emerge, marcas transmitidas nas práticas discursivas (FERREIRA, 2005; MARCUSCHI, 2007);

5) papel dos pais – surgindo para o bebê como o primeiro Outro, com as “lições de linguagem”, os pais instauram a alteridade na vida do seu filho, imprimindo com esse gesto as ordens do possível (ser) e do impossível (castração) (FERREIRA, 2011);

6) papel do bebê – o manhês é uma construção na qual as ações do adulto e do bebê se coordenam no sentido de ambos serem beneficiados, pois o bebê se apoia no modelo linguístico adulto e o adulto, por sua vez, se orienta pelos sinais do bebê. Logo, ao participar do manhês, o bebê deixa ver que também é dotado de competências, ao invés de um mero produto dos pais (CAVALCANTE, 2003, 2005; BOYSSON-BARDIES, 2009).

4. 2 Incidências primitivas da língua materna

O investimento simbólico e imaginário dos pais sobre o real do filho por vir é decantado no inconsciente. Esse inconsciente “decantado” é transmitido ao bebê, ainda no útero, sob o formato de uma imagem basal, a qual determinará o modo como o sujeito conceberá o seu Eu e o seu corpo, instâncias até então não-integradas. Com o tempo, que coincide com o Édipo e sua resolução, a imagem inconsciente do corpo sofrerá reajustes até o ponto em que será recalçada, dando lugar à imagem especular – na qual Eu e corpo estão agora unificados –, sem, contudo, deixar de gerar implicações.

O conceito de imagem inconsciente do corpo atendeu à preocupação de apreender as primeiras representações psíquicas e pensar nas etapas pré-especulares; pois se o *infans*, para F. Dolto, é um ser relacional e em comunicação, ele é dotado, desde o início, de uma atividade representativa. Essa função apoia-se nas trocas que se travam no lugar de seu corpo, as palavras e afetos, associados à vivência corporal e relacional, deixam impressões somato-psíquicas a partir das quais se constituem os primeiros referenciais, as primeiras imagens inconscientes do corpo (LEDoux, 1995, p. 221).

Para fins didáticos, poder-se-ia entender, em suma, a imagem inconsciente do corpo como a condensação das ressonâncias inconscientes do período uterino. A própria Dolto parece validar esse argumento, ao dizer: “A imagem inconsciente do corpo é uma síntese viva, atual a cada momento, de nossas experiências emocionais repetitivamente vividas através de sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais de nosso corpo” (DOLTO, 1961 [1984], p. 62).

Cabe aproveitar a deixa dada pela autora e enfatizar que a imagem inconsciente do corpo não é fixa nem unívoca, mas sofre metamorfoses e se organiza em níveis distintos. É possível sistematizá-los em três: o nível estrutural, pois concerne a cada um dos sujeitos falantes; o nível dinâmico, pois se renova, se atualiza nas experiências; e o nível relacional, pois está sempre articulada às trocas com o outro.

Adicionalmente, deve-se ter claro que imagem inconsciente do corpo não se confunde ao esquema corporal. Note-se o porquê: “*Se o esquema corporal é, em princípio, o mesmo para todos os indivíduos (aproximadamente da mesma idade, sob um mesmo clima) da espécie humana, a imagem do corpo, em contrapartida, é peculiar a cada um: está ligada ao sujeito e à sua história*” (DOLTO, 1985 [2008], p. 14).

Assim, a ritmicidade e a voz materna alcançam o bebê através do som e por meio das vibrações que fazem o interior do útero reverberar por todos os lados, estabelecendo um padrão. Raiva, tristeza, alegria, amor: o bebê passa a distinguir com seu corpo o conteúdo dos elementos prosódicos que, por serem mediados pela palavra, pertencem desde sempre ao domínio

simbólico. Eis que aqui é implantada no organismo do bebê a matriz simbolizante a partir da qual a imagem inconsciente do corpo se estruturará e servirá de esteio para a linguagem.

4.3 *O manhês e a invocação musical*

Lacan veio acrescentar à lista das pulsões descobertas por Freud – oral, anal e fálica – mais duas: a escópica e a invocante, ligadas, respectivamente, ao olhar e à voz. Das duas, a atenção recairá sobre a invocante, por interessar diretamente ao tema da aquisição da linguagem.

A voz a qual Lacan se refere é o suporte material do desejo, que, apesar de ter de se articular na cadeia significante e de se conformar à estrutura da linguagem, nem se confunde com o significante nem com o som, por ser da ordem do gozo e estar mais próxima ao inconsciente.

Um parêntese necessário: entre outros motivos, este ponto, em que a pulsão invocante não é idêntica ao som, é extremamente interessante para se problematizar sobre as configurações assumidas pelo manhês no contexto de surdez, como o fez Alcântara (2014) de modo pioneiro.

Seguindo com a reflexão, tem-se que: “De fato, a voz é um objeto totalmente particular na lista dos objetos pulsionais, pois ela concerne menos à demanda que ao desejo do Outro” (VIVÉS, 2009, p. 335). Por sua desmesura, por transbordar a estrutura, a ênfase dada por Lacan à voz consiste no poder de atração, de invocação, por ela exercido devido a sua musicalidade, isto é, aos seus atraentes contornos melódicos.

É bastante nítido o seu impacto especialmente no período pré-verbal, em que, através da voz, ocupa a cena a língua maternante, ou *lalíngua* (QUINET, 2009; FERREIRA, 2011), e que, por isso mesmo, ao capturar o bebê na rede significante, lança-o irreversivelmente na dimensão do símbolo.

Vale dizer que, tendo sido invocado uma vez no útero, após o nascimento o apelo se repete: a cadência da prosódia no manhês captura a atenção do bebê, que situa naquela fala a musicalidade com a qual seu corpo foi cativado inicialmente. Aqui a pulsão invocante cumpre seu papel exercendo sobre o infante, nos dizeres de Didier-Weill (1999), um empuxo à linguagem, desnaturalizando a sua existência.

4.4 *A transicionalidade e a tradução da língua*

Por certo, um dos conceitos mais originais da teoria psicanalítica, legado por Winnicott, e que veio a ganhar seus contornos empíricos no observatório da clínica, é o de transicionalidade, intimamente associada à possibilidade de uso da ilusão.

A ilusão para o autor é, sobretudo, um fenômeno constitutivo, em vez de uma defesa. Efeito da ativa adaptação materna às necessidades do bebê (preocupação materna primária), o bebê tem a chance de uma vivência subjetiva do ambiente, no qual a diferenciação entre Eu e não-Eu ainda não está posta (SOCHA, 2010). No gesto espontâneo de buscar algo em algum lugar, o bebê sente como se o leite e o seio fossem resultado de seu próprio gesto e faz a experiência de criar aquilo que encontra.

É, portanto, por sua adaptação absoluta às necessidades do bebê que a mãe realiza o que talvez seja a sua mais importante tarefa, concluirá Dias (2010): a de introduzir o bebê na ilusão de que ele é o criador do mundo de que necessita. Pela experiência contínua de confiabilidade ambiental, que protege a continuidade de ser do bebê e preserva o mundo subjetivo em que ele habita, a ilusão do início perde gradualmente o seu teor onipotente, característico da dependência absoluta, e se transforma aos poucos numa crença.

Dias alertará, no entanto, que não se trata de “uma crença nisto ou naquilo, mas na capacidade de acreditar em...” (DIAS, 2010, p. 116). A frase, naturalmente, tende a ser completada com o tempo, mas o processo de completá-la é secundário. Será essa capacidade de

acreditar que permitirá ao bebê tolerar a desilusão que chega com o gradual decréscimo adaptativo da mãe.

Não mais envolto em uma absoluta realidade subjetiva, e ainda não habitando totalmente o mundo externo objetivamente percebido, o bebê estaria numa zona intermediária da experiência, encontrando nesse campo de fronteira uma transição entre o prévio estágio de ilusão onipotente para o crescente reconhecimento e aceitação de uma realidade compartilhada. Concomitante a esse processo, há a distinção entre Eu e não-Eu, que permite ao bebê se relacionar com objetos reconhecidos como diferentes de si. É a primeira posse de um objeto não-Eu, situada nessa área intermediária, que Winnicott (1951[2000]) chamará de objeto transicional.

Socha (2010) declarará que a sonoridade da voz materna fica registrada no interior da transicionalidade, esclarecendo que “O entrecruzamento de vozes no jogo sonoro e na interação musical da dupla oferece ao bebê a possibilidade de assumir a voz de sua mãe como uma criação sua” (SOCHA, 2010, p. 47). Certamente. Presentificada desde o útero, a voz materna surgiria como um dos únicos elementos que promoveria uma continuidade mais ou menos estável da passagem da vida pré para a pós-natal. Mas o autor dirá também que a voz está passível de ser tomada pelo bebê como objeto transicional. Aqui os pensamentos rumam por caminhos diferentes.

De acordo com tudo o que foi argumentado até agora, não é difícil perceber a referência a uma espécie de onipresença da voz, transmitida pela língua materna. Ora, posto que a voz o antecederia, confundindo-se com a sua própria substância, o bebê não estaria em condições de se apropriar dela ou torná-la objeto transicional por não a perceber enquanto exterioridade.

Quando o bebê brinca com as vocalizações, o som não é o seu alvo. Durante os momentos nos quais ele se diverte, por exemplo, reproduzindo os tons musicais de uma fala ou de uma cantiga, é tentando reencontrar em si o ponto de partida – isto é, o outro que ele começa a incorporar – e o vislumbre do ponto de chegada – ou seja, buscar aquele ali presente para validar a massa sonora amorfa, por ele produzida, com o estatuto de significante.

Sem dúvida, esse limite é tênue, o que justifica a incursão em confusões, porém, como já foi visto, não é possível confundir voz e língua. Pois aquilo de que o bebê se ocupa na brincadeira é o contraste entre a experiência ilusória de domínio do código e a instalação da desilusão, fruto das restrições que o próprio código impõe. Assim sendo, o que o bebê faria de objeto transicional seria a língua.

No vai-e-vem transicional, em que ora se identifica, ora se choca com a língua materna, o bebê metabolizaria o estranhamento executando uma tradução. O mundo adulto, denso, rico de sugestões, excessivamente complexo, fonte estrangeira de mensagens, não seria constituído apenas pela diferença entre o adulto e o bebê; haveria algo mais decisivo nesta alteridade: “tratar-se-ia da *diferença do adulto para consigo mesmo*, ou seja, da *alteridade implicada no/pelo inconsciente do adulto como corpo estranho e estrangeirice própria*” (FIGUEIREDO, 1998, p. 63).

É esta alteridade do próprio que torna o adulto enigmático para si mesmo e, mais ainda, para o bebê. Efetivamente, os enigmas provenientes do mundo adulto, estas coisas atraentes e impenetráveis, exerceriam uma pressão, impondo ao bebê uma tarefa inexequível e, ao mesmo tempo, inadiável: a de traduzir o corpo estranho implantado pelas mensagens enigmáticas.

A tradução, por sua vez, pressuporia um conhecimento mínimo sobre aquela língua tomada como estrangeira. Isto parece estar em conformidade com a ideia de que por esse “mínimo linguístico” o bebê seria habitado no útero. Assim, a musicalidade da voz materna estabeleceria um contínuo por ele conhecido e através do qual suportaria a descontinuidade do código (DIDIER-WEILL, 1999). Explica-se: a melodia vocal não seria alcançada pelos imperativos da gramática e, não sofrendo restrições, remeteria o bebê ao gozo mítico do estado em que seu corpo e o corpo da mãe se organizavam em continuidade.

Todavia, uma parte mais ou menos substancial dos enigmas seria inassimilável, resistindo ao trabalho tradutivo e indo se constituir, pelo recalque de fragmentos da voz e da

língua materna, no inconsciente do bebê (FIGUEIREDO, 1998). Isto se daria, pois haveria nos enigmas uma falta – a falta de sentido, a falta de função – e um excesso – uma sobra irreduzível e promissora.

Nas palavras de Ricouer (2012): “Na tradução também se procede a uma certa salvação e a um certo consentimento de perda” (RICOUER, 2012, p. 22). Para o bebê, a salvação consistiria na esperança de um dia encontrar a fórmula capaz de lhe fazer tudo dizer, aplacando a angústia da situação de desvalimento diante do adulto, e a perda envolveria a ideia de não poder adquirir esta fórmula de modo imediato, lançando-a para um futuro.

Nota-se, então, que estes elementos se coconstituíam na medida em que, movido pela esperança, o sujeito falaria e, falando, ele manteria a capacidade de acreditar em um dia retornar ao absoluto. Nesta medida, a tradução deve ser entendida como momento de um processo, e este momento já contém em si a perda e a reconstituição.

4. 5 A dimensão estrangeira do discurso na constituição do sujeito

Uma língua é sempre habitada pela memória de outras, cumprindo dizer que ela se consolida pela sedimentação histórica de camadas arqueológicas de sentido (PAYER, 2009). Entendida como forma material por meio da qual o sujeito fala de si mesmo e de sua relação com o universo que o constitui, é a língua que suporta a sua consistência – ilusória, diga-se de passagem.

Sendo concebida como língua do outro a princípio, o encontro com a língua materna provoca o impensável descolamento entre língua e realidade (DE NARDI, 2009), sancionando, de uma vez por todas, a dissimetria entre a onipotência suposta e as circunstâncias factuais de impotência do bebê frente à grandiosidade do outro.

Assim, o bebê deverá se dobrar aos caprichos da língua do outro e nela procurar se inserir, engatinhando em direção à tomada da palavra – ainda que de modo vacilante inicialmente –, encontrando na rede de discursos, de que tal língua é materialidade, um lugar a partir do qual também lhe seja possível produzir sentidos (DE NARDI, 2009).

Em virtude da dificuldade da tarefa inerente à imaturidade do seu aparato corporal, só resta ao bebê, por tentativa e erro, repetir. Ao ser repetido, o dizer do outro mobiliza mecanismos inconscientes favoráveis a esse constante estruturar-se/reestruturar-se (a desestruturação é impensável neste momento).

Contudo, não se trata apenas de um trabalho de educar o corpo a falar – esse corpo pulsional por si só indomável. Longe disso, falar feito um nativo aparece como possibilidade de se valer do que já se sabe para registrar uma marca singular, de se fazer outro nesta língua, diferenciando-se dos demais (DE NARDI, 2009).

Nesse momento, o bebê firma com o adulto um compromisso (REVUZ, 2006), que, por incidência do recalque, é esquecido; esquecimento este que é, em essência, justamente a garantia de cumprimento desse acordo: reconhecer em si o desejo por aquilo que no outro falta e encontrar alguma coisa para dizer de seu próprio desejo.

Com efeito, nos termos do acordo, um e outro jogam sem poder legislar: embora totalmente investida de subjetividade, devido à existência de um sistema linguístico (isto é, um código anterior e exterior, como se disse), é constituído um espaço terceiro com respeito à relação adulto-bebê, espaço no qual um e outro são confrontados com uma lei social que os supera (REVUZ, 2006). Sem essa referência a um código social, não haveria tomada de palavra possível a quem quer que fosse.

Eis porque Freud dirá, de maneira inequívoca, que “[...] o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1919 [2006], p. 238). Traços de memória da língua materna, que, ao ser recalçada, é apagada na história, retornam através do sujeito na materialidade da língua ressignificada.

Nesse movimento, compreende-se como a língua materna, apagada na história, guarda um lugar no sujeito como memória e como matéria de valor simbólico indelével, e com proporções afetivas intensas, sujeitas a múltiplos modos de identificação (PAYER, 2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do manhês pelo adulto atrairia a atenção do bebê por conjugar duas dimensões da língua – a do habitual e a do estranho – em cujo intervalo se instalaria um registro faltoso, impelindo-o, assim, a remanejar essa carência através da atividade desejante.

Desejar significaria para o bebê tentar se apropriar da linguagem, aquilo que ora o aproxima (assemelha), ora o afasta (diferencia) do outro, de modo a poder se tornar capaz de traduzi-la, objetivando antecipar a ação do adulto e evitar a angústia provocada quando, manipulando a língua, a fala dele lhe provocar estranhamento.

Na esteira dos inúmeros estudos que afirmam ser a prosódia materna o elemento mais primitivo na trajetória linguística do bebê (BARROS e CAVALCANTE, 2011; BRUM-DE-PAULA, 2010; CAVALCANTE, 2001b, 2004; FERREIRA, 2011; SCARPA, 2005, 2007), estando presente ao longo da vida intrauterina (BUSNEL, 2011; GRATIER, 2011), entende-se que é ele também que mais se aproximaria do inconsciente, consistindo, pois, no que haveria de mais familiar e confortável para o infante em sua relação com o outro. A face estranha da língua seria a sua estrutura consciente, que, numa operação de assujeitamento, implicaria o pequenino no reconhecimento desde a temporalidade até a herança simbólica da cultura a que pertence.

Entretanto, quanto mais competente o bebê vem a se tornar na tradução, menos ele traduz. À medida que vai se identificando com a língua do adulto, o bebê começa a se esquecer de que um dia ela fora estrangeira; com o recalque deste fato, ele então ingenuamente a assume como uma condição natural.

Neste período ocorreria uma inversão: as palavras conscientes, antes estrangeiras, se tornariam familiares e o familiar da voz materna, tendo sido perdido na memória, retornaria agora somente sob o estranhamento das manifestações inconscientes – quer seja através dos efeitos insólitos da fala da criança sobre o adulto e vice-versa (PEREIRA-DE-CASTRO, 1998), ou, mais tarde, quer seja na produção dos lapsos, atos falhos e sonhos, por exemplo.

Seguindo o roteiro dos ecos inconscientes da voz materna, enxertados em seu organismo, o bebê passaria a pulsar numa sintonia significativa quase perfeita com a língua do adulto, até o ponto em que por ela seria capturado e nela se perderia.

Logo, no seu esforço de traduzir a fala do adulto, seria o bebê quem falaria. Fiando-se numa onipotência narcísica originária, o bebê tentaria dominar a língua, mas seria por ela “trapaceado”, e, do auge de sua ilusão, ao acreditar ser o seu criador, estaria submetido às leis dela, inaugurando-se enquanto sujeito, caracterizado por uma divisão constitutiva.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Edigleisson. Na palma da língua: o manhês na aquisição da linguagem do bebê surdo. *In: CONGRESSO TRANSDISCIPLINAR INTERNACIONAL SOBRE A CRIANÇA E O ADOLESCENTE*. 3, 2014, Santa Cruz de Cabrália. *Anais*. Santa Cruz de Cabrália: Instituto Langage, 2014. p. 1-13.
- BARROS, Andressa Toscano Moura de Caldas; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Manhês: qualidade vocal e deslocamentos na dialogia mãe-bebê. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA*. 7, 2011, Curitiba. *Anais*. Curitiba: ABRALIN, 2011. p. 428-439. Disponível em: <<http://abralin.org/site/publicacao-em-anais/abralin-curitiba-2011/>>. Acesso em: 17 de jul. 2012.

BOYSSON-BARDIES, Bénédicte de. Como a fala surge na criança. *Revista brasileira de psicanálise*. São Paulo, v. 43, n. 1, p. 97-103, mar. 2009. Trimestral. ISSN 0486-641X.

BRUM-DE-PAULA, Miriam Rose. Broto da fala: o papel da prosódia no despertar para a linguagem. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v. 8, n. 15, p. 82-94, ago. 2010. Semestral. ISSN 1678-8931. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_15_broto_da_fala.pdf>. Acesso em 21 de fev. 2013.

BUSNEL, Marie-Claire; HERÓN. O desenvolvimento da sensorialidade fetal. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David (Orgs.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 23-34. (Começos e tropeços na linguagem)

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. A fala atribuída: as vozes que circulam no discurso materno. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 3, _____. A fala atribuída: as vozes que circulam no discurso materno. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 585-591, set. 2001a. Trimestral. ISSN 0486-641X .

_____. Melodias maternas – um movimento interpretativo na dialogia mãe-bebê. In: CAMAROTTI, Maria do Carmo (Org.). *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001b. p. 79-95.

_____. O estatuto do manhês na aquisição da linguagem. *DLCV*. João Pessoa, v. 1, n. 1, p., 147-156, out. 2003. Anual. ISSN 2237-0900.

_____. Ritmo no gesto e na voz: manipulando a língua com o bebê. In: ARAGÃO, Regina Orth de (Org.). *O bebê, o corpo e a linguagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 73-79. (Primeira infância, v. 4)

_____. Pausas no manhês: lugar de subjetivação. In: SALES, Léa (Org.). *Pra que essa boca tão grande?: questões acerca da oralidade*. Salvador: Ágalma, 2005. 31-46. (De calças curtas, v. 6)

CELES, Luiz Augusto. Nascimento psíquico. In: ARAGÃO, Regina Orth de (Org.). *O bebê, o corpo e a linguagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 41-58. (Primeira infância, v. 4)

DE NARDI, Fabiele Stockmans. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. *Desenredo*. Passo Fundo, v. 5, n. 2, p. 182-193, jul./dez. 2009. Semestral. ISSN 1808-656X.

DIAS, Elsa. O “brinquedo divino”: a ilusão em Winnicott. *Ideação*. Feira de Santana, v. 2, n. 22, p. 113-141, jan./jun. 2010. Semestral. ISSN 1415-4668.

DIDIER-WEILL, Alain. *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 160 p.

DOLTO, Françoise (1961). Personalogia e imagem do corpo. In: _____. *No jogo do desejo: ensaios clínicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1984. p. 52-79.

_____. (1985). *A imagem inconsciente do corpo*. 2. reimp. da 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. 319 p. (Estudos, v. 109)

FERREIRA, Silvia. Por que falar ao bebê se ele não compreende? In: CAMAROTTI, Maria do Carmo (Org.). *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 97-104.

_____. Manhês: uma questão de estrutura. In: SALES, Léa (Org.). *Pra que essa boca tão grande?: questões acerca da oralidade*. Salvador: Ágalma, 2005. 19-29. (De calças curtas, v. 6)

_____. O manhês e o impossível da língua. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David (Orgs.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 243-251. (Começos e tropeços na linguagem)

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. A questão da alteridade nos processos de subjetivação e o tema do estrangeiro. In: KOLTAI, Caterina (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, FAPESP, 1998. p. 61-75.

FREUD, Sigmund (1919). O 'estranho'. In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 233-273. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XVII)

GRATIER, Maya. As formas da voz: o estudo da prosódia na comunicação vocal mãe-bebê. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David (Orgs.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 79-83. (Começos e tropeços na linguagem)

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da "Análise Automática do Discurso" de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 13-38. (Repertórios)

HOLANDA-FERREIRA, Aurélio Buarque de. Linguagem. In: _____. *Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 427-428.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Linguagem, ideologia e psicanálise. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, n. 1, p. 69-75, jun./dez. 2005. Semestral. ISSN 1808-1355.

LEDOUX, Michel-Henri. Introdução à obra de Françoise Dolto. In: NASIO, Juan-David (Dir.). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 203-258. (Transmissão da psicanálise, v. 41)

LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães de. Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação. *Interações*. São Paulo, v. 5, n. 10, p. 53-72, jul./dez. 2000. Semestral. ISSN 1413-2907.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, v. 42, n., p. 41-69, jan./jun. 2002. Semestral. ISSN 0102-5767.

LONGO, Leila. *Linguagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 73 p. (Psicanálise passo-a-passo, v. 64)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007. 94 p. (Princípios, v. 82)

ORLANDI, Eni Puccinelli. *O que é linguística*. 2. ed. 4. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2013. 80 p. (Primeiros passos, v. 184)

PAYER, Maria Onice. Dimensões materna e nacional das línguas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA E SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 12, 2, 2009. Uberlândia. *Anais*. Uberlândia: SILEL, 2009. p. 1-8. Disponível em: <http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg20_artigo_4.pdf>. Acesso em 26 set. 2013.

PEREIRA-DE-CASTRO, Maria Fausta. Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 81-87, jun. 1998. Trimestral. ISSN 0486-641X .

QUINET, Antonio. Com *lalíngua* no corpo. *Stylus*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 69-77, out. 2009. Semestral. ISSN 1676-159X.

- REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. 4. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2006. p. 213-230.
- RICOUER, Paul. *Sobre a tradução*. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 71 p. (Babel)
- SANTOS, Sonia Sueli Berti dos. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 209-233. (Lingua[gem], v. 52)
- SAES, Sílvia Faustino de Assis. *A linguagem*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 88 p. (Filosofias: o prazer de pensar, v. 23)
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. reimp. São Paulo: Cultrix, 2013. 312 p.
- SCARPA, Ester Miriam. A criança e a prosódia: uma retrospectiva e novos desenvolvimentos. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, v. 47, n. 1/2, p. 19-27, jan./dez. 2005. Semestral. ISSN 0102-5767.
- _____. A aquisição da prosódia: dupla face, dupla vocação. In: AGUIAR, Marígia Ana de Moura; MADEIRO, Francisco (Orgs.). *Em-TOM-Ação: a prosódia em perspectiva*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007. p. 73-89.
- SOCHA, Alexandre. A sonoridade vocal e seus efeitos no interior da transicionalidade. *Jornal de psicanálise*. São Paulo, v. 43, n. 78, p. 43-56, jun. 2010. Trimestral. ISSN 0103-5835.
- TEIXEIRA, Marlene. *Análise do Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. 210 p.
- VIVÉS, Jean-Michel. Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*. São Paulo, v. 12, n. 2, p., jun. 2009. Trimestral. ISSN 1415-4714.
- VORCARO, Angela. Incidência da matriz simbolizante no organismo: o advento da fala. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 273-281, set. 2001. Trimestral. ISSN 0101-3335.
- WINNICOTT, Donald Woods. (1951). Objetos e fenômenos transicionais. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 316-331.